

## Da “gripezinha” à pandemia: tensionamentos discursivos em torno da COVID-19<sup>1</sup>

Mariana Morales da Silva <sup>(1)</sup>

Lafayette Batista Melo <sup>(2)</sup>

---

**Resumo:** O presente estudo, sustentado na Análise de Discurso de matriz francesa, investiga como a COVID-19 é (re)significada por diferentes atores sociais. Para tanto, são focalizadas as diferentes nomeações da crise da COVID-19, com ênfase em interações polêmicas, conforme postulados de Amossy (2017) e Maingueneau (2005), no discurso político e no discurso científico, materializados em veículos midiáticos de cada campo. Estabeleceu-se como recorte metodológico a possibilidade de dicotomização entre os termos “pandemia” e “gripezinha”, tendo em vista debater os efeitos de sentidos e questões ideológicas relacionados a cada uso discursivo. A coleta de dados foi realizada nas páginas web Informa-SUS, Agência FAPESP, Folha de S. Paulo e Portal R7. Analisaram-se os percursos discursivos, as (des)continuidades entre cada uso e as relações polêmicas e polarizadas em torno dos sentidos na gestão de cada termo. Conclui-se que a crise de pandemia provocou tensões nos distintos âmbitos de comunicação e que cada uso discursivo dos diferentes termos analisados marca uma alteração forte de sentido. Os tensionamentos citados evidenciam, portanto, posicionamentos ideológico-políticos distintos, dicotômicos e até polarizados, reforçando de um lado, o discurso negacionista e de outro, o reconhecimento de uma crise muito mais ampla e profunda que apenas sanitária.

**Palavras-chave:** Discurso - Polêmica - COVID-19 - Discurso político - Discurso científico.

[Resumos em espanhol e inglês nas páginas 69-70]

---

<sup>(1)</sup> **Mariana Morales da Silva.** Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de São Carlos com financiamento Capes. Realizou doutorado sanduíche no ano de 2020 na Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha com financiamento Capes PrInt. E-mail: marianamoralesdasilva@gmail.com

<sup>(2)</sup> **Lafayette Batista Melo.** Professor doutor do Instituto Federal da Paraíba. E-mail: lafagoo@gmail.com

## Introdução

As pesquisas que buscam compreender acontecimentos e fenômenos discursivos em torno da noção de polêmica no espaço público, sobretudo no âmbito das ciências da linguagem, demonstram que, sobretudo nos dispositivos midiáticos, os discursos e interações polêmicas, de maneira geral efêmeras, pululam e abarcam os mais variados temas. No contexto dos discursos sobre a COVID-19, temática de frequência assídua, constante e abundante, a partir de março de 2020, não seria diferente. No contexto específico desta pandemia, e mais particularmente no Brasil, há que frisar que as polêmicas a partir dela engendradas no espaço público não são pontuais e os embates discursivos pode-se dizer que trazem consequências importantes no cenário político brasileiro.

Considerando, então, em particular o contexto brasileiro –já bastante polarizado discursivamente no âmbito político desde 2016 (Freixo, 2019), inflamado com diversas polêmicas que ganharam destaque em pautas internacionais–, investigar as formações discursivas e seu funcionamento nos discursos da COVID-19 além de ser uma abordagem interessante, é também muito relevante devido aos efeitos produzidos.

Tendo como eixo, então, a noção discursiva de polêmica, o presente trabalho se sustenta teórica e metodologicamente no que se tem convencionado como tendências contemporâneas em Análise do Discurso francesa, mais especificamente nas propostas de Amossy (2017) e Maingueneau (2005) que, conforme Baronas e Costa (2019) apontam, apesar de raramente serem postos em diálogo quanto a questão da polêmica, eles podem ser mobilizados de forma complementar devido à densidade epistemológica e heurística que apresentam.

De um lado, a proposta mais ampla de Amossy compreende a polêmica como uma modalidade argumentativa e, por isso, está fortemente ancorada na sua função social e seu funcionamento sócio-discursivo. De outro, a proposta de Maingueneau, compreende-a, de maneira mais restrita, como processo de interincompreensão regrada, por meio da qual cada discurso é interpretado a partir dos limites que circunscrevem cada posicionamento; em outras palavras, cada um traduz o discurso do outro a partir da formação discursiva que o constitui. Ambas abordagens oferecem, assim, ferramentas analíticas bastante produtivas.

Neste trabalho<sup>2</sup>, são analisados discursos de dois atores sociais objetivando investigar como a COVID-19 é (res)significada neste forte embate de forças, com o questionamento de fundo ancorado no interrogante democrático vigente ou resistente nesse conflito. No discurso político, consideramos principalmente os pronunciamentos do chefe de estado brasileiro, Jair Bolsonaro; e no discurso científico, sua enunciação mais próxima à opinião pública, abordamos o discurso de divulgação científica reproduzido em diversos veículos midiáticos on-line. O exercício analítico tem como premissa a relação de mútua constituição desses discursos a partir do primado do interdiscurso (Maingueneau, 2005), segundo o qual um discurso sempre implica outros/Outro discurso(s) que também o constituem, quer seja numa relação de aliança ou polêmica.

Para tanto, são focalizadas as diferentes nomeações usadas para designar a crise da COVID-19 por esses diferentes atores. No embate entre os sentidos em disputa encontramos, por exemplo, os termos “gripezinha” e “pandemia”, sobretudo. Porém, também são considerados outros termos, como “sindemia”, de forma secundária, visando debater os efeitos de sentidos e questões ideológicas relacionados a cada uso discursivo.

A coleta de dados foi realizada nas páginas web Informa-SUS, Agência FAPESP, Folha de S. Paulo e Portal R7<sup>3</sup> tendo em vista capturar discursos políticos por meio do discurso midiático e o discurso científico, principalmente nos artigos de caráter de divulgação científica. Para este estudo específico, a comparação entre os meios de comunicação não é foco da questão, pois aqui mais nos interessa o percurso discursivo que permitiu a co-construção de discursos em formações discursivas distintas.

Estabeleceu-se um recorte temporal que não supera o ano de 2020. É importante marcar que não se pretende aqui fazer uma análise exaustiva dos discursos polêmicos, em especial do primeiro ator social mencionado, Jair Bolsonaro, a considerar seus discursos fortemente caracterizados pela polêmica e excessiva efemeridade de suas declarações.

Esta opção metodológica, de analisar os discursos na contramão da exaustão, não prejudica, portanto, o rigor do estudo empreendido, considerando que os enunciados destacados permitem estabelecer um percurso discursivo (Maingueneau, 2006) bastante elucidativo dentro do espaço discursivo (Maingueneau, 2005) aqui (re)construído.

Em relação aos discursos do segundo ator selecionado, a mídia científica, foram eleitos apenas os títulos dos artigos de divulgação científica não só devido à limitação espacial deste escrito e devido aos recortes necessários ao fazer científico, mas também pelo fato de esses pequenos enunciados ou pequenas frases no entendimento de Maingueneau (2006/2015) nos fornecerem importantes rotas de interpretação.

Finalmente, faz-se necessário asseverar que, por conta mesmo do delineamento, necessário do fazer científico, e mais ainda devido à velocidade da informação e mudanças de formulações discursivas dos atores considerados, este trabalho deve, por um lado, ser considerado como um estudo situado em seu tempo. Por outro lado, pode ser representativo da defesa da importância de esforços e exercícios que buscam compreender os vendavais discursivos estando “no olho do furacão da história em movimento” (Freixo, 2019).

O presente trabalho está organizado da seguinte forma tendo como fio condutor sobretudo a reconstrução desse percurso: são abordados dois momentos do discurso de Bolsonaro, o primeiro marcado pelo uso do termo “gripezinha” e o segundo, no qual aparece a substituição deste pelo termo “pandemia”. Os dois momentos são intercalados com o que consideramos ser uma resposta ao discurso do chefe de estado brasileiro por parte do segundo ator selecionado, o qual se encontra materializado no discurso de divulgação científica. Defendemos que essa resposta da Ciência ao discurso de Bolsonaro opera em oposição ao discurso do político não apenas no primeiro momento de seus pronunciamentos, mas em relação a seu posicionamento político-ideológico negacionista no qual se sustentam os dois momentos independentemente dos termos mobilizados em seus discursos. Finalmente, debate-se os efeitos dessa polêmica na opinião pública.

## **Breves palavras sobre a polêmica da “gripezinha”**

Quando se pensa no conjunto de discursos, é interessante lembrar Maingueneau (2005) quando este, retomando a tese foucaultiana e a noção de arquivo, aponta a raridade dos enunciados. Segundo Maingueneau (2005), o conjunto de assuntos e temáticas postas em

debate apresenta pouca variação, instaurando-se, em geral, uma polêmica que vai e volta em poucos pontos. Por essa razão mesma é que não se faz imprescindível ao estudo aqui empreendido, recorrer a uma quantidade larga de discursos nem a análises exaustivamente sistemáticas, como já comentado anteriormente.

Amossy (2017) comenta que a polêmica, em geral efêmera, é engendrada em forma de debate de questões atuais, de forte interesse público, englobando assim, os anseios da sociedade. Este fato corrobora que não seja possível que os sujeitos permaneçam indiferentes perante o acontecimento discursivo apresentado. Por mais breve ou pontual que o primeiro enunciado tenha sido, chamado pela autora de discurso proponente, os atores sociais são requisitados a tomar posição no debate público.

Outro ponto que merece destaque é a diferença entre discurso polêmico e interações polêmicas. Neste estudo, considera-se que os discursos do chefe de estado brasileiro, tomados aqui como o discurso proponente, são discursos polêmicos, por serem formados por declarações de grande impacto na opinião pública, que reclamam quase que imediatamente um posicionamento a favor ou contra. Se adverso à proposição primeira, este discurso é denominado discurso oponente (Amossy, 2017).

Sendo assim, as enxurradas de comentários nas redes sociais, reportagens e notícias na mídia, declarações das mais diversas ordens dos atores políticos e sociais, memes e hashtags no espaço digital concretizam a possibilidade de resposta ao discurso polêmico proponente, engendrando uma interação polêmica, que pode ou não ser hostil, mas que obrigatoriamente conduzirá à dicotomização e poderá levar à polarização (Amossy, 2017).

Assim, para adentrar o tema em questão, isto é, os discursos da COVID-19 no contexto brasileiro, é imprescindível remontar ao marco histórico do dia 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado pandêmico para a crise de espalhamento do vírus da COVID-19. Nesse contexto, enquanto diversos países e suas/ seus chefes de estado se preparavam ou já haviam decretado condição de confinamento total às suas populações, o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro seguiu a direção inversa, como podemos observar no discurso direto do presidente (i) e no excerto de uma reportagem publicada no Portal R7 (ii):

(i) ‘Depois da facada, uma gripezinha não vai me derrubar’<sup>4</sup>.

(ii) ‘Ele [Bolsonaro] ainda garantiu que devido ao seu *histórico de atleta*, não enfrentaria problemas caso fosse contaminado. ‘Caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho’<sup>5</sup> (grifo nosso)<sup>6</sup>.

Como já mencionado, os discursos deste ator social são caracterizados por sequências polêmicas, sendo elas encadeadas ou não. No primeiro recorte, há a retomada de uma de suas primeiras polêmicas ainda como candidato à presidência da república (o episódio da facada quando candidato à presidência) e, no segundo, a insistência do termo “gripezinha”, suavizando o contexto pandêmico também pela polêmica expressão “histórico de atleta”. Para fins de contextualização, alguns pontos merecem ser observados, destacando uma aproximação do discurso proponente a um posicionamento negacionista em relação tanto ao vírus SARS-CoV-2 como à situação pandêmica da COVID-19. Observa-se que, na-

quele primeiro momento, o vírus não era nomeado (MELO; SILVA, 2020b) por Bolsonaro nem em seus termos técnico-científicos (SARS-CoV-2, por exemplo) nem em seus nomes populares (coronavírus, para citar uma referência). Menos ainda é reconhecido os efeitos pandêmicos do espalhamento do vírus ao descrevê-lo como uma “gripezinha”. Segundo Melo e Silva (2020a),

o uso do termo ‘gripe’ faz parte dos usos cotidianos e rotineiros [de linguagem]. Traz um sentido de uma doença comum, dentro de certa normalidade, conhecida e administrável. (...) A questão (...) se torna ainda mais grave quando [...] ocorrem deslocamentos para o termo “gripezinha”. O uso do sufixo ‘-inha’, que caracteriza construções de diminutivos [na língua portuguesa], altera a palavra não apenas em termos morfológicos (...) mas provoca, nesse contexto, o sentido de desprezo (Melo; Silva, 2020a, s/p).

A expressão “gripezinha”, refere-se aos efeitos que o vírus de forma muito simplificada e demasiado moderada, pode ter no organismo humano, limitando-se à esfera individual e abordando aspectos exclusivamente biológicos. Essa escolha, que não se limita a uma escolha lexical ou a uma determinação semântica, mas extrapola para questões políticas e sociais, leva a duas possíveis consequências: 1) a expressão desconsidera, assim, o âmbito coletivo e social dos efeitos da COVID; 2) provoca um efeito de minimização da questão. Ao associar estados assintomáticos ou leves, decorrentes da infecção pelo vírus da COVID-19, a um suposto “histórico de atleta”, o presidente coloca a exceção como se fosse a regra nacional, se considerarmos as comorbidades, que levam grande parte da população brasileira a enquadrar-se em grupos de riscos. Mais ainda, ignora as grandes assimetrias sociais, que levam a crise do coronavírus, no contexto do Brasil e da América Latina, a ser classificada como uma *sindemia*<sup>7</sup>, noção que adiciona consciência e aprofundamento da crise social à crise sanitária.

Essas marcas indicam alguns dos traços de um posicionamento que despreza o âmbito coletivo. Postura que não atende ao que é socialmente esperado de um chefe de estado, presidente de uma nação, que participa de um sistema político representativo. A expectativa está assentada, sobretudo, em preocupações de ordem coletivas traduzidas em políticas públicas. Conforme Melo e Silva (2020a),

ao ir na contramão das declarações da OMS, que não deixou, em nenhum de seus pronunciamentos, de marcar a crise sanitária decorrente da COVID-19 como pandemia, o uso do termo “gripezinha” produz um sentido de despreocupação e, por isso, justifica o descompromisso, materializado na ausência de políticas públicas nacionais para o combate à COVID-19. Nesse sentido, o Brasil vivencia ações descompassadas, descoordenadas e descentralizadas: cada estado ou cada município, sem uma política de ação nacional comum, toma uma postura sem diálogo com o todo e sem recursos destinados a uma ação unitária. Esse cenário já levou o país a ocupar a 3ª posição no ranking mundial de contágios pelo coronavírus e a 2ª posição no ranking mundial em mortes por COVID-19, em uma escala persistente de transmissão do vírus (Melo; Silva, 2020a, s/p).

Por último, destaca-se o status condicional incerto que é dado a existência do vírus ou da situação de pandemia, principalmente no segundo recorte destacado. O discurso de Bolsonaro formulado por expressões que tipicamente empregam construções condicionais e negações (“caso fosse”, “não precisaria”, “nada sentiria”, “seria”, “quando muito” etc.) associadas à conjugação de verbos no futuro do pretérito do indicativo, indiciam efeitos de sentido que colocam em dúvida a existência do vírus e do estado pandêmico.

Outros aspectos podem ser observados, porém, entende-se que para fins de contextualização as ponderações tecidas já são suficientes para perceber-se os discursos do chefe de estado brasileiro como discursos tipicamente polêmicos. A partir deles instalava-se um acontecimento discursivo que iria render uma farta safra de reações, provocando uma enxurrada de comentários na mídia, que expunham argumentos contra e a favor desse discurso proponente, nos mais variados meios de comunicação.

## **Interações polêmicas: a resposta da Ciência**

Como já mencionado, é importante considerar a distinção entre discurso polêmico e interações polêmicas. Entende-se, neste estudo, que os discursos do presidente do Brasil destacados como discursos proponentes, figuram como discursos polêmicos. Por sua vez, a resposta de outros atores sociais, materializados em discursos oponentes, podem ou não se configurar como discursos polêmicos, mas obrigatoriamente participam, de forma constitutiva, de interações polêmicas.

Vale destacar que no ambiente da web 2.0 pelo efeito de “jogo de máscaras” (Amossy, 2017), favorece o fluxo da enxurrada de discursos-reação, sejam eles favoráveis ou contrários ao discurso proponente. O funcionamento típico de “avatares”<sup>8</sup>, por exemplo, permite uma desresponsabilização, tanto na esfera jurídica quanto na esfera social e ética, engendrando efeitos de carnavalização (Amossy apud Baronas; Costa, 2019).

Tal fenômeno é imprescindível para a construção de interações polêmicas e conformam uma gama vastíssima de material de análise. Contudo, preferiu-se neste estudo, indagar discursos oponentes que são tecidos em relações mais sutis, mas não menos eficazes, qual seja, os discursos científicos em canal de maior proximidade com a opinião pública, os textos de divulgação científica.

Esses discursos, calçados no estudo acadêmico, ao ocupar esse espaço outro que é o da divulgação, não permitem ao seu enunciador esconder-se no “jogo de máscaras”, exigindo atos de responsabilização concretizados, por exemplo, no fato de que os textos são assinados com nome, sobrenome e a instituição ao qual o/a autor/a é vinculado/a. De um lado, entende-se que, pelos atos discursivos de responsabilização, tais discursos constroem uma estratégia argumentativa fundada em sentidos de credibilidade e de legitimação de um saber.

Porém, de outro, ao mesmo tempo, a responsabilização expõe o enunciador, o que pode levar esses discursos a evitarem tons hostis e citações explícitas que remetam ao discurso proponente, seja pelo compromisso ético-científico, pelo discurso tipicamente acadêmico ou até por motivos de proteção de identidade e atuação laboral.

Concordamos com Baronas e Costa (2019, p. 53) quando alertam que “apesar de ser comumente entendida como uma forma de conflito ‘perceptível’ na superfície linguística, marcada por controvérsias explícitas, a polêmica pode presentificar-se na forma de um dialogismo constitutivo”, como se nota pela seleção (Melo; Silva, 2020, s/p.) a seguir de títulos de textos de divulgação científica relacionados às crises decorrentes da pandemia:

‘Ciência e inovação contra a pandemia?, (...), ‘Desigualdade de gênero e a Violência contra a mulher no contexto da pandemia do coronavírus’, ‘Liderança Terena denuncia situação da comunidade [indígena] na pandemia’, ‘Os Direitos Sociais no contexto da pandemia: sobre o Auxílio Emergencial’, ‘Sociologia do trabalho ajuda a compreender como pandemia impacta diferentes classes sociais’, ‘Saúde mental e COVID-19: as dimensões psicossociais da pandemia’, ‘O brincar em tempos de pandemia’, ‘Luto e pandemia: adaptação de despedidas às restrições impostas pela COVID-19’.

Segundo Maingueneau (2005), há polêmicas que são engendradas no nível dialógico, na ordem da heterogeneidade constitutiva. Por essa noção, entende-se que os discursos se relacionam de forma constante, imbricando-se sem que, contudo, haja citação aparente do discurso proponente no discurso oponente. Defende-se que os títulos selecionados dos textos de divulgação científica anteriormente destacados apresentam o conflito constitutivo da condição para a polêmica, conforme apontada por Maingueneau (2005).

O discurso proponente de Jair Bolsonaro, que designa os efeitos do vírus da COVID-19 em âmbito individualizado, tal como em “gripezinha”, é estabelecido a partir de um choque de opiniões em relação ao discurso tipicamente científico, o discurso oponente ao primeiro, que considera o âmbito coletivo e social dos efeitos do vírus. Assim, seguimos sustentando a interpretação a seguir:

o uso repetido, constante e massivo do termo pandemia, presente em discursos científicos e de divulgação científica [...] têm demonstrado um posicionamento ideológico-político de resistência em relação às investidas presidenciais. [...] essas práticas discursivas da ciência e da divulgação científica se constroem na contracorrente, funcionando como uma reafirmação de um posicionamento ideológico sustentado na responsabilidade e no compromisso social. Fazer uso constante do termo pandemia pode operar como forma de alerta para a gravidade desta crise, que já não é apenas sanitária, mas política, social, cultural e econômica (Melo; Silva, 2020a, s/p.).

Nessa interação polêmica, performa-se a dicotomização (Amossy, 2017) entre os usos dos termos “gripezinha” de um lado, e “pandemia” do outro. Trata-se, em suma, “de duas opiniões antitéticas que se excluem mutuamente, sem a mínima possibilidade de conciliação” (Baronas; Costa, 2019, p. 53). Essa dicotomização remete ao fato daquilo que Amossy (2017) compreende como teses antagônicas, isto é, que raramente alcançarão uma conciliação ou diálogo, pois estão assentadas na interação conflitual.

Nesse sentido, assevera-se que o antagonismo de opiniões e posicionamentos no interior de um embate ou confronto verbal é condição fundante da polêmica, pois “trata-se de uma atividade enunciativa que consiste em trazer argumentos em favor de uma tese e no mesmo processo arremeter argumentos contra a tese adversa” (Baronas; Costa, 2018, p. 57).

A percepção desses litígios verbais se faz mais evidente quando se depara com o que Maingueneau (2005) classifica como discurso propriamente polêmico. Nesse caso, a interação, o conflito irreconciliável, faz-se evidente, pois está sustentado na heterogeneidade mostrada. Ou seja, as discussões, as controvérsias, as oposições são visíveis limpidamente na superfície linguística. Enquadrando-se, nessa classificação, (Baronas; Costa, 2019) inferimos que um discurso envolvido em uma polêmica pode perfeitamente se referir ao seu Outro de forma direta, explícita e clara, usando expressões variadas e até mesmo hostis e “agressivas, mal intencionadas, derrisórias, irônicas, intrigantes, ameaçadoras” etc. (Idem, idem).

Porém, quando a interação polêmica não se faz evidente, como é o caso da interação aqui apresentada, faz-se necessário recorrer ao interdiscurso, operacionalizado no espaço discursivo (Maingueneau, 2005). O qual consiste no entrecruzamento do universo discursivo (todas as formulações existentes) com o campo discursivo (recorte de discursos de uma temática) selecionados no fino entremeio dos discursos que o analista recorta para o estudo, por vislumbrá-los como inextricavelmente ligados num dado campo. Segundo Baronas e Costa (2019), um espaço discursivo bem delimitado pressupõe a coexistência de dois irreconciliáveis, um Mesmo e um Outro, os quais se opõem e constituem-se na arena da polêmica, delimitando-se e replicando-se mutuamente.

Para que se possa compartilhar a memória que sustenta esse espaço discursivo, faz-se necessário debruçar-se sobre a tese de Amossy (2017), pela qual a autora defende que a polêmica “existe [n]um *continuum* que vai da coconstrução de respostas ao choque de teses antagônicas”. Interessa aqui, a noção de *continuum*. Ora, para não deixar dúvidas de que o conjunto de recortes discursivos performam um embate dialógico de uma polêmica constitutiva, é necessário retomar ao histórico da relação entre governo Bolsonaro e o campo da Ciência.

Nesse *continuum*, entende-se que o conflito não nasce no marco da pandemia, mas o precede, deixando vestígios nesse breve, porém tumultuado, mandato presidencial – e até mesmo anteriormente a ele, como citado no início do texto. Tal relação conflituosa é marcada por sistemáticas ações de desvalorização da Ciência, com constantes cortes orçamentários, congelamentos salariais, desconsiderações dos resultados de eleições para ocupar os cargos da reitoria das universidades federais e, o episódio mais conhecido pelo seu teor polêmico: a declaração da “balbúrdia” acadêmica<sup>10</sup>.

Por essa memória discursiva sobre a relação entre o governo Bolsonaro e a Ciência, além da reafirmação da dicotomização de opiniões e posicionamentos opostos e oponentes, edificam-se marcas do segundo aspecto da modalidade argumentativa em Amossy (2017), a depreciação do outro. Ainda resta analisar o terceiro aspecto, o da polarização, mas antes é importante adentrar o segundo momento discursivo de Bolsonaro sobre a COVID-19 que elegemos como corpus.



## O diálogo de surdos

Chega-se, finalmente, ao segundo momento do discurso de Bolsonaro, quando já se torna insustentável a insistência na mobilização do termo “gripezinha”. Condição desfraldada pelo intenso movimento e diferentes estratégias argumentativas engendradas dos mais variados discursos oponentes. Depara-se, assim, com um outro-mesmo discurso do presidente da república (iii), conforme publicado no Portal R7:

(iii) ‘Brasil foi o melhor a lidar com a crise na pandemia, diz Bolsonaro’<sup>11</sup>.

Para analisar esse discurso, tomamos emprestada a analogia mobilizada em Baronas e Costa (2019) para explicar o processo de tradução em Maingueneau (2005) comparando-o ao “diálogo dos surdos”, no conhecimento popular.

Segundo o autor francês, enunciar de acordo com as regras de um dado discurso implica necessariamente não compreender os enunciados do Outro. Esse é o que o autor denomina de processo de interpretação recíproca, pelo qual, cada formação discursiva somente faz sentido do seu Outro em conformidade com o seu próprio registro. Em outras palavras, o autor defende que, na interação polêmica, o discurso oponente (que ele chama de discurso paciente) é interpretado pelo enunciatador do discurso proponente (denominado por ele como discurso agente) com base nas regras de sua própria formação discursiva. Dessa maneira,

fica claro que ele não está pensando em tradução de uma língua para a outra, mas sim de um discurso para outro, com base nas regras da formação discursiva em que o ‘eu’ se inscreve (...). Dentro de uma mesma língua, podem ocorrer zonas de interincompreensão que o senso comum tão precisamente designa como ‘diálogo de surdos’ (Baronas; Costa, 2019).

Nesse espaço, então, o discurso proponente traduz o discurso oponente por meio dos semas que rejeita, “sob a forma do simulacro que ele constrói” (Maingueneau, 2005, 22). Nesse sentido, o termo “pandemia” não é mobilizado por Bolsonaro conforme os sentidos dos discursos oponentes, ou seja, do discurso de divulgação científica. Estes, reiteramos, aproximam o sentido de “pandemia”, ao sentido de “sindemia” sem, contudo, trazer mais um outro vocabulário “novo” à opinião pública, adicionando consciência social à crise que não é apenas sanitária.

No caso do discurso de Bolsonaro, o termo “pandemia” funciona como mero substitutivo do termo “gripezinha”, pois o enunciado sustenta-se na mesma filiação da formação discursiva de seus pronunciamentos do primeiro momento. Em outras palavras, temos que quando o chefe de estado brasileiro assume o discurso da pandemia em lugar do discurso da “gripezinha”, o faz a partir do processo interincompreensão regrada (Maingueneau, 2005), pelo qual constrói um simulacro, assumindo-o assim de forma dissimulada.

O enunciado “Brasil foi o melhor a lidar com crise na pandemia” faz levantar alguns interrogantes. O verbo “ser” conjugado no pretérito perfeito do indicativo aponta uma situação concluída. Nesse sentido, questiona-se como que do desprezo ao vírus, da minimização de

seus efeitos e da negação da condição mundial pandêmica ocorre esse salto abrupto para a enunciação da superação de um cenário que até então não havia sido reconhecido? Outro questionamento que se pode fazer é em relação ao termo “crise”, mobilizado no singular. Qual das crises plurais que o Brasil enfrenta (ou é vítima) esse discurso se refere? Qual das crises o país superou sendo que é considerado o pior em termos de gestão da pandemia conforme matéria da Folha de S. Paulo em estudo comparativo com 98 países<sup>12</sup>?

O deslizamento de termos, de “gripezinha” a “pandemia” ocorre, nesse segundo momento de forma a-histórica e dissimulada. Como se a alteração de um termo não modificasse o sentido do discurso. Preserva-se, assim, a ilusão do fechamento semântico. Concordamos com Maingueneau (2005) e Baronas e Costa (2019) quando afirmam que não se pode “compreender” os sentidos outros, inclusive aqueles que vão contra a sua própria constituição, a não ser negativamente.

Como resultado, uma parte “retoma o discurso do outro, integrando-o por inversão ao seu próprio sistema” (Baronas; Costa, 2019). Seguem-se dois discursos, o do chefe de estado brasileiro e o da Ciência, que se constroem opondo-se um ao outro, mesmo mobilizando o mesmo termo, sem que haja a possibilidade de consenso entre eles.

## **Brasil: uma sociedade polarizada**

No choque de opiniões e posicionamentos contraditórios analisados, os quais não permitem conduzir a um acordo e, parece ser, também não asseguram um modo de coexistência em uma sociedade cindida entre posições e interesses divergentes. Entra em jogo um terceiro elemento (Amossy, 2017), que neste estudo em questão, é a opinião pública. Em uma nação que acredita em “mitos”, “cada discurso constrói sua própria lenda” (Baronas; Costa, 2019, p. 64). Isso implica que esse embate não se reduz ao conflito entre os atores analisados. Pode-se perceber agrupamentos discursivos que acompanham discurso proponente e discurso oponente.

Da dicotomização desses discursos, agregam-se outros conjuntos de oposições. Considerando o discurso digital, por exemplo, proliferam-se hashtags que funcionam como ancoragem das polêmicas estabelecidas em outros espaços. De um lado, em conformidade ao discurso proponente, representado metonimicamente pelo termo “gripezinha”, observamos, por exemplo: #OBrasilNãoPodeParar; #ReaberturaDaEconomia; defensores do uso da hidroxocloroquina; divulgadores do tratamento preventivo; grupos anti-vacina; #cloroquiners.

Esses termos fazem menção às questões como o estímulo de reabertura do comércio e serviços em detrimento do cuidado e afastamento social (Gibin; Ruiz, 2020); a ideia cientificamente comprovada como notícia falsa (fake news) de que a hidroxocloroquina funcionaria no tratamento da doença (Mesti; Gomes, 2020), além de diversas fake news no contexto da COVID-19 (Damasceno; Dal'Evedove, 2020) relacionadas às vacinas (Alcântara; Cardoso, 2020).

Em oposição, o discurso oponente, representado metonimicamente pelo termo “pandemia” em consonância aos sentidos evocados pela noção de sindemia, tem-se um outro

conjunto agregativo: #FiqueEmCasa; #Quarenteners, #quarentenados; #ForaBolsonaro, #BolsonaroGenocida, #Impeachment e grupos a favor das vacinas. Estes abordam, sobretudo, os temas ligados à compreensão da importância do distanciamento e isolamento social (Silva; Almeida, 2020a/2020b/2020c) e da importância de um posicionamento contrário ao presidente.

Essas vozes mobilizadas, agrupadas em dois conjuntos opostos, diametralmente distintos, “não se trata de sujeitos empíricos, mas de figuras actanciais que se colocam em lugares enunciativos opostos, instaurando dessa maneira não apenas uma divisão entre adversários, mas sobretudo, instaurando um ‘nós’ diante de um ‘eles’, situados em campos inimigos” (Baronas; Costa, 2019, p. 63).

Atores outros sobem ao palco e entram em cena sujeitos, que a princípio não teriam relação direta com o conflito, mas que pela convocação da polêmica, passam a fazer parte dela, “não somente como fiadores, mas, sobretudo, como protagonistas” (Idem, idem, p.67).

Depreende-se, então, o terceiro e último traço da polêmica conforme Amossy (2017): a polarização. A corporificação da possibilidade que o confronto público engendra no seio da sociedade tensionada em conflitos insolúveis, (con)forma, agora, comunidades discursivas que podem ir do protesto à ação pública.

## Conclusões

Com o objetivo de investigar como os discursos da COVID-19 são (res)significados por diferentes atores sociais em relação de oposição, em conflitos polêmicos, reconstruímos um percurso sobre a interação conflitual entre os discursos do chefe de estado brasileiro, Jair Bolsonaro e discursos científicos destacados em títulos de artigos de divulgação científica, considerando o forte embate entre esses dois atores no espaço público.

Ao aproximar duas teses sobre a polêmica, de Amossy (2017) e Maingueneau (2005) com ancoragens distintas, colocamos à prova a possibilidade, defendida por Baronas e Costas (2019), de que elas podem ser mobilizadas de forma complementar. Fazendo uso de um percurso discursivo (Maingueneau, 2006) dos usos dos termos “gripezinha” e “pandemia”, tecemos uma trama analítica, pela qual postulados de Amossy (2017) e Maingueneau (2005) foram mobilizados de forma entrelaçada.

Na primeira parte do artigo, a fim de contextualizar o momento e condições discursivas para o emergir do termo “gripezinha” no contexto da COVID-19 no Brasil, foram trazidas de forma complementar noções de base sobre a polêmica nos dois autores franceses. Destacando-se a distinção de noções basilares como discurso polêmico de interações polêmicas e definindo, no corpus deste trabalho, quais foram considerados discurso proponente (pronunciamentos do chefe de estado brasileiro) e discurso oponente (resposta da Ciência em artigos de divulgação científica).

Na sequência, pela análise do discurso oponente, por meio da resposta da Ciência aos pronunciamentos do chefe de estado brasileiro, construímos a parte analítica que consideramos ser uma das mais densas deste trabalho em razão do intrínseco entrelaçar formado

pelos dois postulados. Compreendemos o discurso oponente no nível dialógico da polêmica (Maingueneau, 2005), o qual participou da interação conflitual por meio da heterogeneidade constitutiva perceptível apenas quando se recorreu ao interdiscurso, mais precisamente no espaço discursivo (Maingueneau, 2005). Espaço pelo qual se pôde resgatar fragmentos dispersos no *continuum* (Amossy, 2017) organizados pelo percurso proposto por nós, analistas (Maingueneau, 2006). Foi por esse percurso que pudemos destacar dois dos três fatores que constituem a polêmica em Amossy (2017): 1) dicotomização e 2) depreciação do outro, no jogo de teses antagônicas que engendram a interação conflitual. Ao analisar o segundo momento do discurso de Bolsonaro, por meio do qual esse ator social mobiliza o termo “pandemia” de forma dissimulada distanciando seu efeito de sentido com o militado pelo campo da Ciência, deparamo-nos com a interação conflitual irreconciliável (Amossy, 2017) em sua forma mais complexa: a do simulacro/dissimulação (Maingueneau, 2005).

Finalmente, na última parte deste estudo, levantamos o terceiro fator que constitui a polêmica em Amossy (2017): 3) a polarização, a partir do reconhecimento dos efeitos dessa interação conflitual na opinião pública.

Concluimos que os postulados de Amossy (2017) e Maingueneau (2005) são passíveis de serem complementares como afirmam Baronas e Costa (2019). A partir deste exercício analítico foi possível perceber, por um lado, relações polêmicas dialógicas (Maingueneau, 2005) no contexto dos discursos da COVID-19 no Brasil. E por outro, a polêmica – entendida como modalidade argumentativa (Amossy, 2017), permitiu ser compreendida em sua função social, de constante tensionamento e resistência na arena das disputas e conflitos verbais. Por mais paradoxal que possa parecer, Amossy (2017) compreende que a “função da polêmica é realizar uma gestão verbal do conflito, realizada sob o modo da dissensão” (Baronas; Costa, 2019, p. 64). Nesse sentido, entendemos que este estudo contribui para a defesa do caráter fundamental da polêmica para a sustentação da democracia permitindo assim movimentos constantes, contínuos e persistentes de resistência que determinados atores sociais, no caso deste estudo, da Ciência, vêm incansavelmente empreendendo frente a um cenário devastador de uma média diária de mais de 4 mil falecimentos por COVID-19 atingidos e repetidos recentemente, em princípios do ano de 2021 no Brasil.

## Notas

1. O presente trabalho foi desenvolvido no marco do projeto de extensão da Universidade Federal de São Carlos denominado “Enciclopédia discursiva da COVID-19”, do Informa-SUS, sob coordenação da professora Dra. Fernanda Castelano Rodrigues (UFSCar) e do professor Dr. Roberto Leiser Baronas (DL-UFSCar). Agradecemos especialmente a: Dra. Julia Lourenço Costa e professor Dr. Roberto Leiser Baronas por seus valiosos comentários a uma versão preliminar deste artigo.
2. O trabalho tem um primeiro movimento reflexivo em caráter de divulgação científica pertencente ao projeto Enciclopédia discursiva da COVID-19, do Informa-SUS/UFSCar

disponível em: [www.informasus.ufscar.br/enciclopedia-discursiva-da-covid-19/](http://www.informasus.ufscar.br/enciclopedia-discursiva-da-covid-19/). O artigo em questão busca, a partir desse primeiro exercício, assentar-se no âmbito científico, trazendo explicitamente as ancoragens teóricas da reflexão e análises sistemática que o sustentam. Não se tratando então de uma releitura, mas de um trabalho outro.

3. Os médiuns aqui selecionados estão de acordo com o projeto de extensão da Enciclopédia discursiva da COVID-19 do Informa-SUS/UFSCar.

4. Disponível em: Portal R7: <https://noticias.r7.com/brasil/bolsonaro-depois-da-facada-uma-gripezinha-nao-vai-me-derrubar-21032020> Acesso em: 25/09/2020.

5. Disponível em: Portal R7: <https://noticias.r7.com/brasil/na-tv-bolsonaro-critica-isolamento-e-diz-que-a-vida-deve-continuar-24032020> Acesso em: 25/09/2020.

6. Consideramos que os discursos de Bolsonaro sobre a COVID-19 denominando-a como “gripezinha” tiveram condições de enunciabilidade a partir de um discurso de autoridade da área da saúde no Brasil, em vídeo divulgado por Dráuzio Varella, médico com projeções midiáticas no país. No vídeo em questão, publicado em 30 de janeiro de 2020 –já não mais disponível em sua página web–, o médico afirma ser a COVID pouco preocupante, sem motivos para gerar pânico e, na naquele momento, recomendava que a população levasse uma vida “normal”. Vale destacar que esse vídeo foi produzido e divulgado antes da declaração de pandemia da COVID-19 pela OMS. Consideramos que essa fala é uma das possibilidades interdiscursivas para a fala de Bolsonaro, cujo pronunciamento –disponível na nota de rodapé de número 6– sustenta-se em informações em consonância ao discurso do médico. Este por sua vez, junto com sua equipe de comunicação rejeita tal aproximação e, então, produz outro vídeo atualizando o debate sobre a COVID no Brasil, publicado em 19 de março de 2020. Neste segundo vídeo, o médico justifica sua fala anterior situando-a temporalmente, alertando para as mudanças drásticas de cenário. Porém, mesmo nesse segundo vídeo, o discurso do médico sustenta-se em um posicionamento polêmico por defender isolamento social apenas para a população acima de 60 anos e por denominar a crise da COVID-19 como “epidemia” mesmo após a declaração de “pandemia” da COVID-19 em 11 de março de 2020 pela OMS. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/coronavirus/desservico-autoridades-usam-videos-antigos-para-passar-informacao-desatualizada/> Acesso em: 25/09/2020.

7. Sindemia: quando “uma ou mais doenças interagem de tal forma que causam danos maiores do que a mera soma dessas duas doenças (...). O impacto dessa interação também é facilitado pelas condições sociais e ambientais que (...) tornam a população mais vulnerável ao seu impacto” (Singer apud Melo; Silva, 2020a).

8. Conforme Amossy (2017), no contexto de conversações digitais polêmicas, não são mais atores sociais que são postos em debate e oposição, mas sim seus “avatars”, um pseudônimo utilizado por internautas que se valem dessas máscaras típicas do contexto da web 2.0 para se posicionar a partir de uma identidade fictícia no cyberspaço. Segundo a autora, é no interior do jogo de máscaras, suscitado na carnavalização da fala política, que pode ocorrer uma desresponsabilização do internauta, que “concederia a si mesmo todos os direitos” (p. 174), desconsiderando assim, limites éticos, sociais e jurídicos quando participante de interações hostis e agressivas no contexto de discussões on-line.

9. As reportagens estão respectivamente disponíveis em: <https://fapesp.br/14260/ciencia-e-inovacao-contr-a-pandemia> Acesso em: 25/09/2020. <https://www.informasus.ufscar>

br/desigualdade-de-genero-e-a-violencia-contr-a-mulher-no-contexto-da-pandemia-do-coronavirus/ Acesso em: 25/09/2020. <https://www.informasus.ufscar.br/lideranca-terena-denuncia-situacao-da-comunidade-durante-a-pandemia-de-covid-19/> Acesso em: 25/09/2020. <https://www.informasus.ufscar.br/os-direitos-sociais-no-contexto-da-pandemia-sobre-o-auxilio-emergencial/> Acesso em: 25/09/2020. <https://www.informasus.ufscar.br/sociologia-do-trabalho-ajuda-a-compreender-como-pandemia-impacta-diferentes-classes-sociais/> Acesso em: 25/09/2020. <https://www.informasus.ufscar.br/saude-mental-e-covid-19-as-dimensoes-psicossociais-da-pandemia/> Acesso em: 25/09/2020. <https://www.informasus.ufscar.br/o-brincar-em-tempos-de-pandemia/> Acesso em: 25/09/2020. <https://www.informasus.ufscar.br/luto-e-pandemia-adaptacao-de-despedidas-as-restricoes-impostas-pela-covid-19/> Acesso em: 25/09/2020.

10. Em 30 de abril de 2019, o então ministro da Educação do governo Bolsonaro, Abraham Weintraub justificou o corte orçamentário para três Universidades Federais, alegando que estas não estariam preocupadas em melhorar o desempenho acadêmico, mas sim em promover balburdia. Em reação a esse pronunciamento ofensivo, diversas Universidades, por meio de seu corpo docente e discente, adotaram o termo “balbúrdia” resignificando-o com a finalidade de divulgar o conhecimento científico produzido em suas unidades, produzindo assim, um efeito inverso do disparado pelo discurso ofensivo.

11. Disponível em Portal R7: <https://noticias.r7.com/brasil/brasil-foi-o-melhor-a-lidar-com-a-cri-se-na-pandemia-diz-bolsonaro-19092020> Acesso em: 25/09/2020.

12. Disponível em Folha de S. Paulo: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/brasil-e-o-pais-que-pior-lidou-com-a-pandemia-aponta-estudo-que-analisou-98-governos.shtml> Acesso em: 28/01/2021.

## Bibliografia

- Alcântara, G. M.; Cardoso, J. M. (2020) “Vacina”. En: Rodrigues, F. C.; Baronas, R. L. (Orgs) *Enciclopédia discursiva da covid-19*. Informasus-ufscar, s/p. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/vacina/>
- Amossy, R. (2017) *Apológia da polêmica*. São Paulo: Contexto.
- Baronas, R. L.; Costa, J. L. (2019) “De Maingueneau a Amossy: notas de leitura em torno da noção de polêmica”. En: *Revista polifonia: estudos da linguagem* 26, p. 49-67.
- Damasceno, L.; Dal’Evedore, P. R. “Fake News”. En: Rodrigues, F. C.; Baronas, R. L. (Orgs) *Enciclopédia discursiva da covid-19*. Informasus-ufscar, s/p. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/fake-news/>
- Freixo, E. C. (2019). *Polarização política brasileira – ideologia e discurso na cena política nacional*. Curitiba: Juruá editora.
- Gibin, F. C.; Ruiz, M. A. A. (2020) “Fique em casa”. En: Rodrigues, F. C.; Baronas, R. L. (Orgs) *Enciclopédia discursiva da covid-19*. Informasus-ufscar, s/p. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/fique-em-casa-2/>
- Maingueneau, D. (2005) *Gênese do discurso*. Curitiba: Criar edições.
- \_\_\_\_\_. (2006) *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola editorial.

- Maingueneau, D. (2015) *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola editorial.
- Melo, L. B.; Silva, M. M. (2020a) “Pandemia”. En: Rodrigues, F. C.; Baronas, R. L. (Orgs) *Enciclopédia discursiva da covid-19*. Informasus-ufscar, s/p. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/pandemia-5/>
- \_\_\_\_\_. (2020b) “Covid-19”. En: Rodrigues, F. C.; Baronas, R. L. (Orgs) *Enciclopédia discursiva da covid-19*. Informasus-ufscar, s/p. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/covid-19/>
- Mesti, P. C.; Gomes, R. M. S. (2020) “Cloroquina”. En: Rodrigues, F. C.; Baronas, R. L. (Orgs) *Enciclopédia discursiva da covid-19*. Informasus-ufscar, s/p. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/cloroquina/>
- Silva, S. F. S.; Almeida, T. F. (2020a) “Quarentena”. En: Rodrigues, F. C.; Baronas, R. L. (Orgs) *Enciclopédia discursiva da covid-19*. Informasus-ufscar, s/p. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/quarentena-2/>
- \_\_\_\_\_. (2020b) “Distanciamento social”. En: Rodrigues, F. C.; Baronas, R. L. (Orgs) *Enciclopédia discursiva da covid-19*. Informasus-ufscar, s/p. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/distanciamento-social/>
- \_\_\_\_\_. (2020c) “Isolamento social”. En: Rodrigues, F. C.; Baronas, R. L. (Orgs) *Enciclopédia discursiva da covid-19*. Informasus-ufscar, s/p. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/isolamento-social/>

**Resumen:** El presente estudio, apoyado por el análisis del discurso de la matriz francesa, investiga cómo la COVID-19 es (res)significada por diferentes actores sociales. Se enfocan las distintas nominaciones de la crisis de la COVID-19, con énfasis en interacciones polémicas, de acuerdo con postulados de Amossy (2017) y Maingueneau (2005) en el discurso político y científico, materializadas en vehículos mediáticos de cada campo. Se estableció un enfoque metodológico en la dicotomización entre los términos “pandemia” y “gripecita”. Con el fin de debatir los efectos de sentidos y cuestiones ideológicas relacionadas con cada uso discursivo. La recolección de datos se realizó en los sitios web Informa-SUS, Agência FAPESP, Folha de S. Paulo y Portal R7. Se analizaron las rutas discursivas, las (des)continuidades entre cada uso y las relaciones polémicas y polarizadas en torno a los sentidos en el manejo de cada término. Se concluye que la situación pandémica provocó tensiones en las distintas áreas de la comunicación y que cada uso discursivo de los diferentes términos analizados marca un fuerte cambio de sentido. Evidenciando posiciones ideológico-políticas distintas, dicotómicas e incluso polarizadas, reforzando, por un lado, el discurso negacionista y, por otro, el reconocimiento de una crisis mucho más amplia y profunda que la meramente sanitaria.

**Palabras clave:** Discurso - Polémica - COVID-19 - Discurso político - Discurso científico.

**Abstract:** The present study, supported by the French Discourse Analysis, investigates how COVID-19 is (re)meant by different social actors. To this end, the different nominations

of the COVID-19 crisis are focused, with an emphasis on polemic according to the postulates of Amossy (2017) and Maingueneau (2005) interactions in political and scientific discourse, materialized in media supports from each field. A methodological approach was established in the dichotomization between the terms “pandemic” and “littele flu”. In order to debate the effects of meanings and ideological issues related to each discursive use. Data collection was carried out on the Informa-SUS, Agência FAPESP, Folha de S. Paulo and Portal R7 websites. The discursive paths analyzed the (dis)continuities between each use and polemic and polarized relations around the senses in the management of each term. It is concluded that the pandemic situation caused tensions in the different areas of communication and that each discursive use of the different terms analyzed marks a strong change in meaning. Evidencing distinct, dichotomous and even polarized ideological-political positions, reinforcing, on the one hand, the negationist discourse and, on the other, the recognition of a crisis much wider and deeper than just sanitary.

**Keywords:** Discourse - Polemic - COVID-19 - Political discourse - Scientific discourse.

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo]

---